



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XI – SERRINHA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

JENIFFER LIMA ALVES

**A CAMINHO DA UNIVERSIDADE: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA
DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL**

SERRINHA – BA
2025

JENIFFER LIMA ALVES

**A CAMINHO DA UNIVERSIDADE: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA
DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Geografia, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, Serrinha, como requisito parcial para a obtenção do grau de professora Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Simone Ribeiro Santos

Serrinha – BA
2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

A CAMINHO DA UNIVERSIDADE: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

JENIFFER LIMA ALVES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Licenciatura Plena em Geografia, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, *Campus XI*, Serrinha, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Serrinha, 13 de janeiro de 2025.

Banca Examinadora:

Simone Ribeiro Santos – Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus XI*

Doutorado em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutorado em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Glauce Maciel Barbosa Pereira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Doutora em Educação, Universidade de Salamanca – Espanha

Dedico este trabalho aos meus pais
que, sob muito sol, me fizeram chegar até aqui na sombra.
E, a Deus, pelo amparo e suporte em toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Tem uma frase que sempre ouço: “Repara em quem te ampara.”

O caminho nessa graduação foi constituído por amparos. Com o passar do tempo e certa maturidade adquirida, o reparar em quem ampara é impossível não existir. O valorizar também. Creio que sou muito agraciada. Sim, muito!

Agradeço a Deus por toda a rede de apoio que Ele colocou em minha vida. Todo conjunto de palavras colocados em formato de texto, jamais seriam suficientes para expressar toda a minha gratidão aos que me ampararam durante os últimos quatro anos de minha existência. Ainda mais, aos que me amparam desde março de dois mil e vinte quando ingressei na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI*, Serrinha, Bahia.

A rede de apoio continua a mesma, mas o meu amor, respeito e admiração por cada pessoa que faz parte dela aumentaram a cada ano.

Entretanto, não poderia perder a oportunidade de deixar registrado meus agradecimentos aos que muito fazem por mim e para mim.

Agradeço aos meus pais que nunca mediram esforços para que o estudo fosse presente em minha vida (desde a primeira escola até a universidade). A minha mãe que sempre me encorajou a ser forte e destemida, que lutou arduamente para que eu tivesse a oportunidade de me dedicar exclusivamente à minha graduação (ainda que por períodos eu escolhesse trabalhar), além de disponibilizar seu carinho, amor e conhecimento (mesmo sendo lavradora e com tão pouco estudo, mas uma mestra em cuidar dos seus). Ao meu pai que disponibilizou apoio, incentivo, trabalho árduo e por toda coragem em enfrentar diversos perigos diariamente ao ir trabalhar para manter o bem estar da sua família e executar sua profissão de carpinteiro, por me encorajar e mostrar para os próximos o quão nunca é tarde para sonhar e lutar pelo que almeja.

Ao meu irmão Wendel, por todos os incentivos e conselhos.

A Thiago Santana, por todos os incentivos durante o meu percurso formativo, o qual dispôs a mim apoio incondicional.

Aos colegas de curso de Licenciatura em Geografia da UNEB por compartilharam as alegrias, angústias e saberes, em especial, a minha amiga Karolina, que esteve sempre presente ao meu lado, incentivando-me e aconselhando-me desde o início da graduação.

Ao meu tio/pai/padrinho Valdir, o qual posso desfrutar de sua companhia e com gentileza dispõe a mim todo conhecimento que ao longo da vida e com a vida obtive.

Agradeço também à Profa. Dra. Simone Ribeiro Santos pelo suporte, dedicação, atenção e carinho para que o desenvolvimento deste trabalho fosse possível. Escolher falar sobre história de vida, percurso formativo e a construção identitária de uma docente em Geografia e tê-la como orientadora foi uma boa e linda surpresa nesse final de curso.

Gratidão também às professoras Jussara e Glauce por aceitarem a fazer parte da minha banca de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e contribuírem com minha formação.

Agradeço e dedico esta conquista aos que sonham os meus sonhos, aos que acreditam em meus passos, aos que acreditam em minhas escolhas.

Sem dúvida, essa caminhada sem cada um de vocês seria mais árdua, por isso a minha eterna gratidão.

A CAMINHO DA UNIVERSIDADE: NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA DE GEOGRAFIA EM FORMAÇÃO INICIAL

Jeniffer Lima Alves

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade socializar o percurso vivido no decurso da Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI*, Serrinha, cujas reflexões são tecidas a partir da memória e dos saberes construídos na família, enquanto mulher negra, licencianda em Geografia, filha de pai negro, carpinteiro, mãe branca lavradora e pertencente à família classe baixa, cujas narrativas revelam percursos formativos no âmbito do curso de Licenciatura em Geografia, bem como ensinagens da/na família, a caminhada. O objetivo é evidenciar as vivências e o crescimento acadêmico na universidade, bem como a resiliência diante das dificuldades e as experiências formativas no âmbito acadêmico. Evidenciar as situações que me possibilitaram a fazer escolhas, atuar e formar-me na educação, visto que, tive acesso a uma formação que dialoga com a minha vida e raiz familiar, considerando a identidade da roça, saberes e respeito às memórias. Trata-se, portanto, de um texto decorrente de uma pesquisa qualitativa, inspirada no método autobiográfico, no viés de narrativa de formação, cuja pergunta mobilizadora foi: - Quais momentos e pessoas charneiras mobilizaram a escolha da formação inicial de uma professora de Geografia e quais aprendizagens decorrem desta opção profissional? A partir deste questionamento inicial, duas outras questões alimentaram esta escrita: Até que ponto a trajetória de vida de uma licencianda em Geografia influencia no processo de socialização das experiências vividas em uma universidade? Que relação existe entre a influência da família e das redes de relações com a escolha da profissão e quais aprendizagens foram adquiridas no decurso da formação inicial docente no curso de Licenciatura em Geografia na UNEB de Serrinha? O objetivo geral que direcionou esta escrita foi evidenciar os momentos e pessoas charneiras que conduziram à escolha do curso de Licenciatura em Geografia e as aprendizagens adquiridas na formação inicial docente no Departamento de Educação, *Campus XI*, da Universidade do Estado da Bahia. Já os objetivos específicos são: - Caracterizar o memorial como uma importante fonte de dados e informações sobre a formação inicial do professor de Geografia; - Identificar os principais momentos e pessoas que impulsionaram a escolha do curso de Licenciatura em Geografia; - Destacar as aprendizagens adquiridas durante o processo de formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha. Conclui-se que a escrita de narrativas durante o processo de formação inicial docente potencializa a formação, ao permitir o sujeito narrador/escritor rememorar os fatos que reverberaram e nutriram sua história e caminhada, onde evidencia-se um processo identitário, diante as incontáveis dificuldades e as possibilidades reais de construção e efetivação de educação ao valorizar esse contexto histórico.

Palavras-chaves: Narrativas; Formação inicial docente; Licenciatura em Geografia.

O CONTEXTO DO TRABALHO: POR UMA INTRODUÇÃO

A história de vida de uma pessoa ou as narrativas dela podem revelar uma série de acontecimentos e situações possíveis de serem analisadas, pois é uma importante fonte de pesquisa de abordagem qualitativa.

O termo história de vida tem significados distintos, onde baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores, seja diante dos processos formativos e/ou de atuação profissional.

O sociólogo americano Denzin propôs, em 1970, a distinção das terminologias: história e relato de vida. Para ele, o relato de vida é aquela que designa a história de vida contada através das experiências pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando.

Esta escrita não retrata uma história de vida, mas alguns fatos e acontecimentos que marcaram uma vida. Trata-se, portanto, de uma reflexão tecida no decurso de uma formação, ao apresentar as minhas narrativas, uma professora em formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus Serrinha*.

Dito isso, é importante destacar que este trabalho está ancorado no método autobiográfico e decorre das minhas experiências e aprendizagens adquiridas ao longo do meu processo formativo, sobretudo os vivenciados no âmbito do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI, Serrinha*, pois, enquanto professora de Geografia em formação inicial, narro episódios de minha história de vida através deste texto que se constitui como um memorial de formação, uma vez que ele é uma escrita centrada na “[...] meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos pelos sujeitos.” (Souza, 2004, p. 72).

Portanto, é imprescindível evidenciar os fatores que contribuíram para a escolha da profissão docente, diante a busca de suportes teórico-metodológicos os quais são necessários para o desenvolvimento desse trabalho, uma vez que é imprescindível estabelecer um diálogo com teóricos

que discutem a abordagem autobiográfica, processo formativo de uma docente e atuação profissional da mesma.

Nesse sentido, a construção do memorial oportuniza o resgate de leituras a respeito do cuidado, possibilitando aos estudantes a narrativa de suas experiências de formação, de modo significativo, no decorrer do ensino, a reflexão sobre os aprendizados durante a elaboração do memorial de formação, pois permite que o processo de narrar e de escutar a si e ao outro seja fator de busca de novas identidades profissionais e de novos conhecimentos.

Assim, é imprescindível destacar que o memorial de formação se configura como um texto autorreflexivo de uma trajetória acadêmica. Nele, encontramos experiências, vivências e atividades executadas. É um dispositivo acadêmico que possibilita visualizar a construção do processo formativo, no qual o estudante narra suas experiências vivenciadas durante a sua formação profissional.

No entanto, Passeggi (2008, p. 126) diz que o ato de escrever o memorial é “[...] um processo de pesquisa-formação que permite aos atores-autores historicar suas aprendizagens, sua formação e seus saberes, ao reinventá-los, percebê-los, clarificá-los”. Para a referida autora, os memoriais têm se constituído como “instrumentos [...] cada vez mais sofisticados e as biografias reservadas inicialmente a fatos memoráveis de personalidades históricas, democratizaram-se” (Passeggi, 2010, p. 104).

Conforme o exposto, “a finalidade de escrever sobre a própria aprendizagem é justamente a de poder (aprender) a situar-se do lado do processo e não do produto, da ação, e não da produção, pois se volta para a relação da pessoa com o conhecimento” (Linhares; Nunes, 2008, p. 35), visto que é a oportunidade de descobrir a essência da história de nossas vidas diante a reflexão dos triunfos e fracassos sobre aquele período vivido, mesmo tendo ciência de que rememorar as experiências nem sempre é fácil porque temos muitas travas atreladas às situações passadas. Um trauma pode bloquear momentos que, talvez, só sejam possíveis lembra-los com a ajuda de um psicólogo, psiquiatra ou neurologista.

Portanto, é necessário estar bem emocionalmente para conseguir ser minucioso nas lembranças e poder olhar para trás com orgulho ou não da linha

do tempo que construiu. Faz parte da natureza humana o sujeito querer uma vida com propósitos e vivências que deem sentido à vida.

Todavia, Cunha (1997) elucida esta perspectiva quando aborda a dificuldade em se escrever sobre o vivido e que isso se deve ao fato da própria cultura estabelecer um distanciamento entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos. Assim, as histórias vividas que constituem qualquer sujeito não são levantadas como dados capazes de produzir conhecimento. Deste modo, o memorial de formação vem em contraposição a este ideal, considerando os relatos como uma proposta de análise crítica e reflexiva sobre si enquanto sujeito ativo de produção de possibilidades, reconhecimento sobre a própria história e sobre a posição ocupada nas trajetórias traçadas. Ademais Sousa e Cabral (2015) dizem que é a partir da oportunidade da escrita que se pode observar como o indivíduo concebe e vivencia o mundo.

O ato de escrever o memorial de formação é uma injunção institucional porque a escrita revela como o sujeito tem se constituído. Nessa perspectiva, a partir do que afirma Passeggi (2010), compreendo que falar de si é mergulhar nas próprias memórias, reviver uma história, refletir sobre ela, verificar o que foi significativo e aprendido com ela para traçar outros caminhos e se reinventar.

Ao adentrar nesse mundo, você descobre situações que estavam em evidência, podendo interferir diretamente nas nossas escolhas atuais, sejam essas escolhas acadêmicas, profissionais ou mesmos pessoais.

Consentimos com Souza (2004), ao destacar que a escrita da narrativa permite que o narrador conte para si suas experiências e aprendizagens vividas no decorrer de sua origem por meio do conhecimento de si. Visto que para entender esse conhecimento de si, é necessário retomar a sua história pessoal e reviver tudo que foi experimentado ao longo da vida.

Para Giust-Desprerries (1999), a crença na capacidade humana de um movimento que decorre da tríade ação-reflexão-conhecimento, antes de ser considerada como uma mirada epistemológica, conforme costume na esfera acadêmica, essa credibilidade constitui, antes de tudo, um princípio ético, implicando uma ordem apreciativa e valorativa da pessoa que narra.

O presente trabalho tem por finalidade evidenciar o percurso vivido na Universidade do Estado da Bahia – *Campus XI*, através da memória dos saberes construídos na família, enquanto mulher negra, licencianda em

Geografia, filha de pai negro carpinteiro, mãe branca lavradora e pertencente à família classe baixa, cujas narrativas envolvem o encontro de situações vividas no âmbito pessoal/familiar com as da universidade, cujos percursos formativos envolvem a Licenciatura de Geografia, as ensinagens da/na família, a caminhada, com o objetivo de mostrar as vivências e o crescimento acadêmico-profissional na universidade, bem como as aprendizagens relacionadas ao ato de resistir diante das dificuldades e experimentar as grandiosas conquistas no âmbito acadêmico. Evidenciar as situações que me possibilitaram a fazer escolhas, atuar e formar-me na educação, visto que, tive acesso a uma formação que dialoga com a minha vida e raiz familiar, considerando a identidade da roça, saberes e respeito às memórias.

Nesse contexto, este estudo tem como tema as narrativas sobre o vivido, cuja escrita intitula-se: “A caminho da Universidade: Narrativas de uma professora de Geografia em formação inicial.”, uma forma de evidenciar a importância das narrativas de formação e do método autobiográfico na formação de professores de Geografia no Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus XII/Serrinha*).

Diante da relevância desse tema, este artigo buscou resposta para o seguinte questionamento: - Quais momentos e pessoas charneiras mobilizaram a escolha da formação inicial de uma professora de Geografia e quais aprendizagens decorrem desta opção profissional?

A partir deste questionamento inicial, duas outras questões alimentaram esta escrita, como:

- Até que ponto a trajetória de vida de uma licencianda em Geografia influencia no processo de socialização das experiências vividas em uma universidade?

- Que relação existe entre a influência da família e das redes de relações com a escolha da profissão e quais aprendizagens foram adquiridas no decurso da formação inicial docente no curso de Licenciatura em Geografia na UNEB de Serrinha?

O objetivo geral que direcionou esta escrita foi evidenciar os momentos e pessoas charneiras que conduziram à escolha do curso de Licenciatura em Geografia e as aprendizagens adquiridas na formação inicial docente no Departamento de Educação, *Campus XI*, da Universidade do Estado da Bahia.

Já os objetivos específicos foram: - caracterizar o memorial como uma importante fonte de dados e informações sobre a formação inicial do professor de Geografia; - identificar os principais momentos e pessoas que impulsionaram a escolha do curso de Licenciatura em Geografia; - destacar as aprendizagens adquiridas durante o processo de formação inicial no curso de Licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha.

Trata-se, portanto, de um texto reflexivo, ancorado no método autobiográfico, no viés de narrativas da história de vida e percursos formativos de uma professora de Geografia que descreve e analisa o vivido, sobretudo durante a formação inicial docente, vivenciada no curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus XI*, Serrinha, cujas fontes são as próprias memórias da autora deste artigo.

Considerando a importância metodológica de pesquisa (auto)biográfica enquanto etapas procedimentais e buscando desenvolvê-la como método de investigação, o presente trabalho contou inicialmente com a realização de uma primeira etapa, constituída como um levantamento e revisão bibliográfica que ocorreu através de diferentes fontes, a fim de compreender as potencialidades das narrativas como fontes de pesquisa no processo de formação docente e suas implicações.

A segunda etapa se constituiu na rememoração dos fatos e acontecimentos sobre os percursos da autora, sobretudo da história de vida, da sua formação docente no curso de Licenciatura em Geografia e na seleção dessas memórias para a organização desta escrita. Deste modo, foi possível estabelecer uma relação entre a teoria apresentada pelos autores, pelos teóricos estudados e pela prática vivenciada durante o processo formativo.

Como é um trabalho ancorado na autobiografia, sinto-me autorizada a usar a primeira pessoa do singular neste texto e enfatizo aqui que o meu percurso ao longo do período de formação docente na UNEB/*Campus XI*/Serrinha se estabeleceu por meio de trocas de saberes e experiências vivenciadas ao longo do percurso formativo, com espaços-tempos de formação felizes e infelizes, pois não foi fácil superar as dificuldades e chegar à conclusão do curso devido às inúmeras situações que interligam a vida e a formação profissional, sobretudo quando a pessoa é oriunda de classes sociais

menos privilegiadas, oriunda de contexto rural, com um histórico de baixo capital econômico e cultural.

Este artigo encontra-se estruturado em cinco seções. Nesta primeira, “O contexto do trabalho: por uma introdução” apresento alguns elementos que justificam a escolha pela temática e situo o leitor sobre a questão mobilizadora, os objetivos, a metodologia empregada e a estruturação desta escrita.

A segunda seção, nomeada como “Memorial de formação: um modo singular de refletir as aprendizagens (auto)biográficas” tem a intencionalidade de destacar através da rememoração e reflexão passos trilhados em meu processo formativo, enfatizando as experiências vivenciadas na infância e que acabaram influenciando diretamente em minhas escolhas acadêmicas. Assim, faço uma correlação entre os conceitos apresentados pelos autores ao discutir sobre memorial de formação e as narrativas autobiográficas constituídas durante a formação acadêmica.

A terceira seção, intitulada “Narrativas que revelam histórias: vida e formação de uma professora de Geografia”, com o objetivo de enfatizar as experiências vivenciadas no período de formação docente, destacando momentos marcantes da trajetória acadêmica, possibilitando, assim, estabelecer uma relação direta entre a teoria e prática, ou seja, o que é apresentado pelos autores educadores e a prática vivenciada no âmbito acadêmico.

A quarta e última seção, intitulada como “O que fica por dizer? Considerações não tão finais”, enfatiza as considerações finais sobre esta escrita, retoma pontos imprescindíveis que envolvem a minha formação docente, acompanhadas, sequencialmente, pelas referências, pelos autores e obras que me ajudaram a estabelecer uma escrita fluida do vivido e das aprendizagens decorrentes da formação inicial docente.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: UM MODO SINGULAR DE REFLETIR SOBRE AS APRENDIZAGENS

A partir do exposto na seção anterior, reservo este espaço para relatar os primeiros passos da minha jornada, evidenciando os acontecimentos que

ajudaram a definir as escolhas tomadas por mim. Nasci em uma tarde ensolarada no dia 15 de maio de 2002, na cidade de Serrinha-BA, morei em um povoado próximo ao município de Teofilândia, chamado Canto e com 3 meses de vida fui embora com os meus pais para o Rio de Janeiro, retornando pra Serrinha-BA cinco meses depois por falta de adaptação ao clima e ter contraído uma pneumonia.

Sou filha primogênita e tenho um irmão. Minha mãe, Ivani de Souza Lima, lavradora, que se dedicou de forma exclusiva a nossa família e por não possuir estudo, visto que estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental, sempre trabalhou apropriando-se dos seus dons para nos manter, me encorajando sempre a ser forte e corajosa. Já meu pai, Vagner Ferreira Alves, estudou até o 3º ano do Ensino Médio, todavia não concluiu. Trabalhava pra receber diárias em roças e cavava buracos pra inserção de postes de iluminação, porém os anos se passaram, mais dificuldades surgiram e ele precisou viajar pra trabalhar na construção civil no estado do Rio de Janeiro, posteriormente em São Paulo e em Salvador nos dias atuais como carpinteiro para ajudar no sustento da família. Lembro-me das incontáveis dificuldades que tiveram para criar dois filhos e da ajuda de minha avó paterna que trabalhava na roça e nas horas vagas dedicava-se a nos encher de amor.

Desta forma, gostaria de evidenciar que a família teve uma forte presença na minha formação pessoal, moldando quem hoje sou, através da educação que recebi. Desse modo, “[...] a família é o lugar fundamental de tais lembranças e mediações”, conforme nos assegura Souza (2011, p. 170).

Das incontáveis lembranças desde as mais dolorosas e felizes, aqui exponho as mais afáveis, desde os banhos de açude, as nossas idas às matas colher frutas como umbu, caju, seriguela, catar licori ou simplesmente cortar mandioca e levar para casa de farinha pra fazer beiju. Tudo era muito prazeroso e, sem que eu percebesse, começava o meu contato, de modo empírico, com a ciência geográfica, observando e vivenciando as paisagens por onde andava.

Desde muito pequena e com desejos aguçados em cada vez mais conhecer a natureza e contempla-la em todas as oportunidades, o fato de ter contato visual a cada ida à roça, no quintal de casa e a caminho da escola me proporcionava um bem interior enorme com muita paz e singeleza que a vida

me permitiu experimentar. No entanto, na medida em que ia avançando na escola e tendo contato com livros didáticos de Geografia, cada vez mais ficava deslumbrada com esta disciplina escolar.

No ano de 2009, fomos morar no Povoado Cabeça da Vaca, no espaço rural de Serrinha-BA, uma mudança radical e bastante significativa. Ao passar por várias situações distintas, me senti perdida no mundo. Era tudo estranho, desde a adaptação na casa nova até mesmo as despedidas aos domingos à tarde quando meu pai viajava pra região metropolitana, todavia, esse ciclo foi superado porque eu tinha sede por vida, por mudanças e esta vontade me mobilizava e me levou ao renascimento, destruindo, instintivamente, todo o pensamento e situações desfavoráveis. No mesmo ano, a frequência em que tinha momentos de reunião com a família foram diminuindo, passei a morar com minha tia paterna e com isso veio uma nova adaptação, agora em uma casa no espaço urbano da cidade de Serrinha-BA.

A primeira escola que tive contato na cidade de Serrinha-BA foi a Escola Claudionor Ferreira da Silva, uma escola-creche, onde estudei o Pré-escolar I e II. Foi um período turbulento, fazia o percurso de 3km andando pra chegar até a escola na companhia da minha mãe e meu irmão nos braços dela. Recordo-me que era prazeroso contemplar toda a paisagem, todavia o percurso era exaustivo e com alguns obstáculos que eram enfrentados diariamente.

Após alguns anos, conclui a fase da Pré-escola e passei a estudar na Escola Educativa, uma escola de rede privada localizada no centro da cidade de Serrinha e toda mensalidade era custeada pelo meu pai que recebia uma ajuda financeira da minha avó paterna e do meu tio paterno.

No ano de 2012, estudei no Centro Educacional Rafael Lopes de Araújo em Teofilândia-BA, a terceira escola que tive contato. Fiquei encantada com a estrutura da escola e ao mesmo tempo ansiosa pra viver o novo. Do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental tive vários professores inspiradores que trabalhavam com aulas dinâmicas, aulas de músicas de acordo com as temáticas abordadas, redações, mapas temáticos, peças teatrais com diferentes temas escolares, aulas de campo e participação na orquestra da escola. Recordo-me que foram anos inspiradores que deixaram uma boa base educacional.

Cursei o Ensino Médio na Escola Normal de Serrinha que, no ano de 2017, já não mais oferecia os cursos de Magistério a nível médio e sim o curso de Formação Geral. Tentei me matricular no Centro Territorial De Educação Profissional no Sisal, a qual oferece cursos profissionalizantes e o nível médio de ensino, mas não consegui porque no Ensino Fundamental II havia estudado em escola de rede privada e isso me impossibilitou de fazer a matrícula devido ao fato de ter histórico escolar na rede privada. Ainda indecisa do que queria ser, resolvi aceitar a impossibilidade cursar Análises Clínicas e fato de ter sido obrigada a fazer o curso de Formação Geral que preparava para o vestibular e não era profissionalizante como queria.

Na Escola Normal de Serrinha tive a oportunidade de conhecer e aprender com diversos professores e as disciplinas de Geografia, Química e Física. Como os resultados dependem das nossas escolhas e de força de vontade, concluí o Ensino Médio, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e fui aprovada na universidade pública, na UNEB, em Serrinha. Foi tanta felicidade porque a princípio se tratava de uma menina oriunda de contexto rural, que teve boa parte do seu ensino básico na rede pública, conquistando o seu espaço e podendo realizar um sonho que aparentava ser distante.

Em 2020, com a aprovação no curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Educação (DEDC), da Universidade do Estado da Bahia, a UNEB de Serrinha, a minha inserção surgiu diante de uma nova realidade, em meio a uma vida agitada, morando sozinha aos 17 anos, longe de casa e da família, trabalhando como jovem aprendiz, vivenciando a pandemia da Covid-19¹ e com tantos outros desafios por trás dos bastidores de formação universitária, desconhecidos por muitos, como o de se virar sozinha, longe dos pais e familiares, mas fui movida pela possibilidade de ter um futuro melhor, ajudar a formar aqueles que precisam e os incentivarem a dar continuidade aos estudos, darem passos importantes e romperem os desafios que são próprios da vida, pois as nossas lutas e superações podem mobilizar outras pessoas.

¹ Uma pandemia que parou o mundo todo no ano de 2020, um vírus que surgiu na China, infectou milhares de pessoas e que em pouco tempo se alastrou no mundo, impossibilitando pessoas de saírem de casa para estudar, trabalhar e realizar outras mobilidades pessoais e profissionais.

NARRATIVAS QUE REVELAM HISTÓRIAS DE VIDA E DE FORMAÇÃO

Ao adentrar o DEDC, *Campus XI*, da UNEB/Serrinha, as dificuldades foram surgindo. Vivenciando a pandemia de Covid-19, no primeiro semestre, e com a necessidade do isolamento social e a suspensão das atividades presenciais de ensino, tornou-se necessária a adoção do ensino remoto emergencial, possibilitado pelas plataformas digitais como *google Meet* e *Teams*, como medida de distanciamento em decorrência ao contexto pandêmico. Isso perdurou por dois anos, de 2020 a 2022, pois tivemos aulas remotas e com menor oferta de componentes por eixo curricular. Tudo era novo, desde as demandas de trabalhos, resumos, resenhas, artigos, seminários e leituras que cheguei a pensar que não faziam parte da Geografia, até descobrir que é mais abrangente do que eu pensava ser. Desta forma, os conceitos-chaves foram surgindo e era perceptível o quão a Geografia sempre foi imprescindível em nossas vidas.

O curso de Licenciatura em Geografia do DEDC/UNEB/*Campus XI*, oferece um conjunto de informações essenciais para a formação do docente e do indivíduo, despertando uma crescente vontade de aprender. Nesta perspectiva, corroboro com Silva (2014), ao enfatizar que:

[...] os lugares estão constantemente em transformação, modificando este ou aquele aspecto de suas referências locacionais, que por sua vez se expressam na paisagem por meio de marcas e outros traços, as leituras destas manifestações são fundamentais. [...] Ensinar geografia é antes de tudo, participar desse processo, possibilitando ao educando a oportunidade de desenvolver pela apropriação de conteúdos um conjunto de habilidades específicas [...] (Silva, 2011, p. 229).

Ingressei no curso de Licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha-Ba com muita determinação e passava as noites em busca de conhecimento. Recordo-me da frase de um professor da escola básica quando me disse um dia que dormir era perder tempo e decidi colocar isso em prática. Dormia poucas horas e lia tudo que os professores pediam durante a madrugada, já que não conseguia encontrar tempo durante o dia devido a outras responsabilidades, principalmente pessoais e familiares.

Assim, dedicava os finais de semana ao aprendizado, esquecendo o pouco de lazer por alguns anos. Não canso-me em dizer que toda dedicação

foi essencial! Conheci uma amiga que hoje em dia é como uma irmã de alma – Karolina Santana – e nos mantivemos unidas até o fim do curso de licenciatura. Uma apoiava a outra nos momentos de desespero, dúvida e aprendizado e todo esse acolhimento e carinho foram fundamentais para chegar até aqui.

O anseio em aprender era tão intenso que a consciência apenas via oportunidades para avançar no conhecimento. O desejo de fazer a diferença na vida dos alunos se tornava cada vez mais forte, assim como a teoria revelava uma Geografia muito além do que havia sido ensinada na escola.

Particpei de vários seminários como ouvinte, como o GEOCINE, um projeto de extensão organizado pelo Departamento de Ciências Humanas, *Campus V* da UNEB, bem como também particpei de seminários do NUPE, PIBID e minicursos. Cada evento era uma chance de adquirir experiência e aprendizado. Eu ficava fascinada com tudo que acontecia naquele auditório da UNEB em Serrinha, um dos locais mais especiais do *Campus XI*, onde o encontro de saberes promovia uma conexão humana. E, nesse espaço rico em experiências, eu estava sempre com meu bloquinho de anotações, buscando extrair o máximo dos conhecimentos e inspirações que passavam por ali.

Na primeira disciplina de Prática de Ensino em Geografia, a professora pediu que escrevêssemos uma narrativa chamada “Quem sou eu?”. Fiquei muito feliz com essa oportunidade de me descrever e achei tudo aquilo incrível. Gradualmente, as narrativas começaram a surgir, permitindo-me compartilhar mais sobre minhas experiências além do ambiente acadêmico. Nesse contexto, Sousa e Cabral (2015) enfatizam que a memória é mais do que apenas recordar; ela representa uma viagem no tempo e narrar é, entre outras coisas, reviver experiências tanto da vida pública quanto da privada.

Ao longo do semestre, com aulas dinâmicas, sempre havia algo novo a aprender. Através das práticas de ensino, percebi a importância de utilizar diferentes linguagens em sala de aula, como cartografia, músicas, histórias em quadrinhos e charges, além de abordar temas de maneira significativa para os alunos, incluindo questões de localização geográfica, direção e lateralidade. Assim, consegui alinhar minha experiência com o que Ribeiro *et al.* (2019) afirmam sobre metodologias de ensino, ao dizer que:

[...] a utilização das diversas linguagens em sala de aula constitui-se como importante estratégia metodológica que potencializa o processo

de ensino-aprendizagem, pois permeiam os mais variados dispositivos e artefatos (Ribeiro *et al.*, 2019, p. 108).

Durante o curso de Licenciatura em Geografia, tive a oportunidade de explorar diversas disciplinas, cada uma com seu valor único. Os professores compartilhavam conosco uma rica experiência de aprendizado, sempre de forma generosa. O ambiente acadêmico era repleto de humanidade, perceptível em cada aula. Também ouvi muitos relatos emocionantes de meus colegas.

Recordo que em boa parte das apresentações de seminário ou realização de avaliação semestral, alguns dos docentes mudava a ordem de apresentação ou o horário porque sempre havia um integrante que não residia na cidade onde a UNEB, *Campus XI*, está lotada. Por vezes, algum acontecimento pessoal abalava emocionalmente o(a) discente e quando o docente percebia, a apresentação do seminário naquele dia era cancelada. Tais situações relatadas me fez lembrar de Nóvoa (1995) quando fez a seguinte afirmação sobre a reflexividade crítica da prática:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber experiência. [...] A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas. (Nóvoa, 1995, p. 26-28).

A formação, de fato, envolve processos contínuos de aprendizado que se constroem constantemente, ultrapassando a mera teoria. É fundamental observar a realidade dos alunos, adotando uma abordagem humana e diferenciada que possibilite intervenções oportunas e ofereça oportunidades àqueles que, por diversas razões, não conseguiram avançar. Recordo de um professor que, ao notar que a maioria da turma não alcançou o progresso esperado, decidiu revisar o conteúdo e aplicar uma nova avaliação.

O resultado foi surpreendentemente melhor do que ele imaginava. Isso demonstra que o conhecimento vai além do que está registrado, pois a aprendizagem é um processo diário que deve valorizar tanto os aspectos

quantitativos quanto qualitativos. Contudo, essa perspectiva humana ainda é distorcida por alguns.

Como toda história tem seu lado negativo, houve alguns professores desafiadores ao longo dessa jornada. Eles costumavam enviar textos e atividades constantemente, tornando as aulas cansativas. No entanto, um dos aspectos positivos da UNEB são as aulas de campo. Nossa turma teve a oportunidade de viajar para diversos locais e vivenciar na prática o que aprendíamos em sala.

Visitamos uma usina hidrelétrica, Cânions, um sítio arqueológico em Paulo Afonso, fábricas e as etapas do sisal na APAEB em Valente, plantações de uva e uma vinícola em Juazeiro – Petrolina, além de conhecer a plantação de mandioca, o artesanato quilombola, plantações de tomate, seringueiras e a Escola Família Agrícola da Região de Iará (EFAMI), morros, cavernas na Chapada Diamantina. Essas e tantas outras experiências nos permitiram compreender diferentes culturas e tipos de solo, entre outros temas relacionados à Geografia.

Viver tudo isso de perto tornou nossas aprendizagens muito mais significativas, pois da teoria fomos ter acesso à prática, as vivências em sala de aula foram influenciadas por diversas perspectivas. Na UNEB, adquirimos um conhecimento valioso que pode ser reinterpretado e aplicado com os alunos da escola básica. No entanto, a realidade das escolas públicas, muitas vezes, difere e temos que adequar o que foi aprendido na teoria. Isso foi real quando durante o primeiro contato com uma escola, foi realizada uma pesquisa sobre o entendimento de Geografia com os alunos do 6º ano na Escola Dermeval Oliveira, localizada no Alto Alegre, povoado de Serrinha. Esses alunos foram resistentes a essa pesquisa e o professor da turma falou sobre as dificuldades da sala de aula, visto que utilizava aulas expositivas dialogadas e não utilizava o livro didático, pois achava que os conteúdos eram difíceis e que os alunos não conseguiam acompanhar.

As pesquisas nas escolas eram constantes e a vontade de conhecer a realidade, tanto na sede do município quanto no espaço rural crescia a cada semestre. Passei por uma observação na Escola Municipal Joel Alves de Moraes, localizada no Canto, povoado de Serrinha, na qual a professora não utilizava aulas expositivas e não utilizava o livro didático, pois achava que os

conteúdos eram difíceis e que os alunos não conseguiam acompanhar. Ela era formada em Ciências, mas lecionava Geografia porque era a vaga disponível na escola, uma situação bem comum nas escolas localizadas no interior do estado da Bahia.

A ação de pesquisar o contexto escolar não ficara restrita apenas às disciplinas de Prática de Ensino e isso foi de grande importância para minha formação. Fiz pesquisa no Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal, com estudante do ensino técnico profissionalizante e encontrei diversas realidades. As escolas localizadas no contexto rural têm as suas peculiaridades e merecem um olhar mais cuidadoso, já que quem mora na roça é, geralmente, marginalizado pelo Estado, pois:

A roça, nesta investigação, é compreendida como um espaço que tem um modo de viver singular, um lugar específico, onde os colaboradores nasceram, cresceram, moraram, trabalharam e se utilizaram da terra para o seu próprio sustento. Um rural retalhado de pequenas propriedades destinadas à agricultura familiar, onde as populações rurais são, muitas vezes, marginalizadas, retalhado de pequenas propriedades destinadas à agricultura familiar, onde as populações rurais são, muitas vezes, marginalizadas, empobrecidas e desassistidas pelo Estado. (Oliveira, 2017, p. 203).

O ambiente era diferente, mas as experiências eram semelhantes às de qualquer escola. É fundamental estar aberto a aprender com cada vivência, independentemente de ser o agente ou o destinatário dessa busca por conhecimento, pois “O espaço é, [...] tanto um reservatório de formas e sentidos [...], quanto um recurso e uma produção” (Delory-Momberger, 2008, p. 106).

Cada experiência trazia incertezas sobre o desafiador papel de ser professora. No entanto, estar presente como professora, mesmo que estagiária, em processo de formação inicial, era essencial para enriquecer conhecimentos, pois os espaços formativos são fundamentais não somente para os que estão em processo de formação docente.

Para Vieira 2000,

[...] a compreensão da organização espacial da sociedade far-se-á de forma mais concreta à medida que o professor iniciar os estudos desta organização a partir da análise dos elementos presentes na realidade espacial vivida pelo aluno, pois isso faz com que o aluno se envolva mais com os estudos e se encontre como sujeito social ativo

dentro de sua realidade, conseguindo realizar generalizações importantes sobre a realidade espacial global (Vieira, 2000, p.26).

Dessa forma, percebi que cada experiência vivida transforma o indivíduo, criando uma ligação entre o que já aconteceu e o que está por vir. Embora a pessoa não tenha planejado seu futuro, ela aprende a interpretar as vivências, adquirindo um entendimento mais profundo de sua trajetória. A presença da família nas escolas é fundamental, e a principal diferença entre a realidade das escolas particulares e as públicas é a falta de tempo dos pais. Na maioria dos casos, os pais são trabalhadores que precisam cumprir horários em seus empregos. Em suma,

A presença, o acompanhamento e a fiscalização dos pais na vida escolar dos filhos – frequência na escola, cumprimento das tarefas solicitadas, definição de agenda, rotina de estudos, dentre outras – são ações importantes no processo de escolarização porque influem em outros momentos da vida e se reverberam nas dimensões pessoais e profissionais. (Oliveira, 2017, p. 203).

Como afirma Oliveira (2017), a presença dos pais na vida escolar dos seus filhos é primordial e este acompanhamento repercute em outras dimensões da vida da pessoa.

Parte do Estágio Supervisionado em Geografia IV foi realizado em espaço não formal, intitulado "Valorização das Sementes Crioulas na Associação Comunitária de Canto", proporcionou uma experiência transformadora, tanto no aspecto acadêmico quanto no pessoal. Realizado no oitavo semestre em dupla com Karolina Santana, possibilitou vivências enriquecedoras em um ambiente que valoriza a identidade cultural e histórica da comunidade local, com foco na preservação e resgate das sementes crioulas.

A escolha desse tema foi motivada pela necessidade de explorar a Geografia em contextos que vão além das salas de aula formais, destacando sua importância na compreensão das relações humanas com os espaços e na valorização dos recursos naturais. A atuação junto à Associação Comunitária de Canto, em Serrinha, revelou como os espaços não formais podem ser territórios de resistência, memória e fortalecimento cultural e ambiental. Durante o Estágio IV, foram realizadas atividades que buscaram resgatar e valorizar o uso e a preservação das sementes crioulas, como rodas de

conversa, oficinas de cultivo sustentável e registros sobre os modos de manejo tradicionais. Essas ações permitiram compreender a importância dessas sementes para a soberania alimentar, para a identidade cultural da comunidade e para a sustentabilidade ambiental.

Além disso, a experiência proporcionou um olhar mais atento às desigualdades sociais e ambientais que impactam essas comunidades. Foi perceptível como a Geografia, aliada às práticas educativas e culturais, pode se tornar um instrumento poderoso para empoderar indivíduos, promover a sustentabilidade e fortalecer práticas de conservação.

Este estágio também contribuiu para o fortalecimento do meu papel como educadora em Geografia, ampliando minha percepção sobre a importância de desenvolver práticas pedagógicas inclusivas, sustentáveis e engajadas. Trabalhar em um espaço não formal exigiu criatividade, sensibilidade e uma abordagem interdisciplinar, características essenciais para a formação de um educador crítico e comprometido com a transformação social.

Por fim, destaco que a valorização das sementes crioulas na Associação Comunitária de Canto mostrou que a educação em Geografia pode contribuir diretamente para a construção de uma sociedade mais equitativa, sustentável e culturalmente rica. Essa experiência reafirmou a importância de reconhecer e trabalhar com as especificidades locais, conectando os saberes acadêmicos com as vivências comunitárias.

Toda história tem seus contratempos e esse período vivenciei os desafios doando-me ao máximo no caminho da docência. Nesse período minha mãe descobriu alguns problemas de saúde e, por ordem médica precisou realizar algumas cirurgias e eu conseqüentemente escolhi me afastar da UNEB, me ausentando de algumas aulas, do exercício da minha função no Programa Residência Pedagógica (PRP)² no Colégio Estadual de Biritinga, para cuidar dela. Logo após alguns dias, eu retornei as atividades.

Então, das memórias afáveis do estágio supervisionado, as mais significativas estão relacionadas às formas de ensinar temas e conceitos da

² Um Programa de fomento ao magistério, destinada a estudantes de licenciatura, financiada pela CAPES, que possibilitavam manter os estudantes com atividades didáticas nas escolas parceiras, com bolsa, tendo o professor da escola parceira como supervisor e o professor da universidade como docente orientador.

Geografia, do quanto é necessário dinamizar as aulas, ligadas à importância de aproximar os conteúdos geográficos às diferentes realidades dos alunos, tornando-os agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem, situações essas imprescindíveis para a constituição da identidade docente, do ser e do fazer em sala de aula e da contribuição social dos conteúdos geográficos na vida dos alunos.

O QUE FICA POR DIZER? CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS

Para Pinheiro (2015), escrever sobre a memória pode parecer arriscado, especialmente quando se trata das lembranças pessoais. Contudo, essas recordações se referem a vivências e práticas significativas. Elas permitem lembrar os desafios enfrentados ao longo da formação, lembrar os desafios para articular a teoria e a prática. Apesar dos esforços, é evidente que nem tudo está ao nosso alcance.

Esse processo de formação inicial me ajudou a entender a realidade das escolas públicas, que muitas vezes carecem dos recursos necessários para que possamos atuar conforme planejado em sala de aula. Vários fatores fazem com que cada professor tenha que desenvolver alternativas para superar as dificuldades. Para oferecer um ensino diferenciado, é essencial que o professor invista tempo e, muitas vezes, recursos financeiros próprios para aprimorar suas aulas e se especializar.

Ao refletir sobre o vivido no contexto de formação inicial docente, no curso de licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha, percebo que as realidades escolares são diversas. Para se tornar um docente qualificado, não existe um manual; é preciso vivenciar a prática e articulá-la com a teoria. Como afirma Cavalcante (2011) ao dizer que a vida profissional está inserida em um contexto sociocultural, moldada pelas experiências cotidianas, gostos, crenças, e relacionamentos.

Portanto, nesta perspectiva, Martins (2011, p.71) afirma que:

A formação de professores de Geografia, como de todas as áreas, tem importância estratégica na busca da melhoria da qualidade do ensino no país, constituindo-se numa das questões centrais das políticas públicas da educação, por ser um elemento fundamental para a transformação da escola, da educação e da sociedade.

E, em cada escola visitada, tive a oportunidade de atuar, conhecer e refletir sobre diferentes realidades. As escolas públicas são espaços de grande importância social, e é crucial destacar os problemas enfrentados nesses ambientes. A estrutura física precária, a falta de recursos e métodos pedagógicos adequados comprometem a qualidade das aulas e o trabalho dos professores.

Além disso, muitos alunos e docentes dependem do transporte escolar. Entretanto, essas dificuldades moldam as pessoas, tornando-as mais experientes e emocionalmente fortes.

Segundo Pinheiro (2015), a história de vida e as experiências acumuladas durante a prática profissional levam o sujeito a repensar suas ações no presente e no passado.

Nesse contexto, ressalto que meu processo formativo é contínuo, construído a partir da inter-relação entre meu cotidiano escolar, desde a educação básica até o presente. É um processo sem fim, sempre aberto a novas experiências.

Ao relacionar os elementos da minha formação inicial, percebo que o professor se configura como um narrador, um sujeito ativo em sua própria história. Concordo com Sousa (2012) ao afirmar que narrar histórias é uma maneira de construir identidade e compreender como nos tornamos professores ao longo da vida, pois a universidade é um espaço formativo repleto de saberes, processos e experiências e as aprendizagens, nesse contexto, podem e devem se manifestar de diversas maneiras e durante minha trajetória nessa instituição, construí elementos fundamentais para minha formação.

O curso de Licenciatura em Geografia da UNEB de Serrinha reforçou a importância dessa ciência que nos rodeia, possibilitando a formação de cidadãos críticos e atuantes. Levo comigo os saberes construídos ao longo dessa caminhada e, assim, encerro mais um ciclo com gratidão a todos que passaram pela minha vida, deixando seus conhecimentos e saberes em forma de afeto.

REFERÊNCIAS:

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014, 362 p.

PASSEGGI, Maria da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: Passeggi, Maria da Conceição; Silva, Vivian Batista da (Org.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PINHEIRO, Antônio Carlos. Vivências e práticas na formação de professores. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 113-126.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação e Cultura Contemporânea**. Santa Maria, v.39, n 1, jan\abr. 2014, p.39-50.

OLIVEIRA, Simone Santos de. **“Travessias” de aluno de escola da roça a professor de universidade: percursos de vida e trajetórias de formação**. 2017. 304f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino. O que fica por dizer: memórias cruzadas em histórias de formação. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Memórias: tempos de escola**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011c, p. 165-178.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004, 344 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2004.